



ENTIDADE REGULADORA
PARA A COMUNICAÇÃO SOCIAL

Deliberação

ERC/2021/197 (CONTJOR-TV)

Participações contra a edição de 18 de novembro de 2020 do programa “Grande Entrevista” transmitido pela RTP3

Lisboa
30 de junho de 2021

Conselho Regulador da Entidade Reguladora para a Comunicação Social

Deliberação ERC/2021/197 (CONTJOR-TV)

Assunto: Participações contra a edição de 18 de novembro de 2020 do programa “Grande Entrevista” transmitido pela RTP3

I. Participações

1. Deram entrada na ERC, entre os dias 09 de dezembro de 2020 e 11 de janeiro de 2021, sete participações contra a edição de 18 de novembro de 2020 do programa “Grande Entrevista” transmitido pela RTP3, a propósito da entrevista a José Rodrigues dos Santos.

2. Os participantes alegam que:

a. José Rodrigues dos Santos foi «entrevistado como autor literário, mas também apresentado como repórter e apresentador, mas onde tece comentários sem qualquer fundamento histórico e que branqueiam os crimes nazis durante a segunda guerra mundial, nomeadamente dizendo que os prisioneiros “iam fazer um trabalho”, como se trabalhassem numa empresa, e que tinham um bordel, escola para as crianças judias, etc., comentando ainda sobre “a forma mais humana de morrer em câmaras de gás” do que morrerem à fome que terá sido humanamente concedida pelos soldados. Obviamente, que não são factos históricos reconhecidos pelos historiadores e que podem induzir em erro os telespectadores que viram a entrevista (...). (...) o autor faz deturpações históricas graves, ainda mais sendo jornalista, e em que a própria RTP também não deveria usar o seu espaço mediático para transmitir este tipo de opiniões não fundamentadas.»

b. «Considero estes comentários como uma afronta aos direitos humanos e uma desculpabilização do holocausto que tantas vidas ceifou e tanto sofrimento trouxe à Humanidade. Qualquer pessoa ou jovem que não tenha tantos conhecimentos do que se passou e na forma como os Nazis arquitetaram os campos de morte na

Segunda Grande Guerra Mundial, será facilmente enganado por esta opinião, que sendo um jornalista que entra todos os dias pelas casas adentro, maiores responsabilidades terá. Grave também porque não houve da parte do entrevistador uma chamada à razão pelo que se conclui que pelo silêncio existiu concordância. Não existem formas humanas de exterminar povos. Nenhum povo ou homem tem o direito de se sobrepor aos direitos dos outros e de retirar a vida a outros. Ouvir estes comentários de um jornalista apresentador do Telejornal é gravíssimo.»

- c. «De que modo é lícito o ofuscamento da realidade do Holocausto, procedendo a um revisionismo histórico do fascismo do século XX – sem contraditório – na televisão? (...) esta questão não se prende com o indivíduo que fez as afirmações mas, com a difusão – sem um contraditório factual – daquilo que são *slogans* de propaganda de branqueamento do regime nazi.»
- d. «Venho por este meio reclamar e insurgir-me contra o facto do *pivot* jornalístico José Rodrigues dos Santos continuar a apresentar o jornal da noite no Canal 1 da RTP, um serviço público de televisão, após as declarações por ele proferidas, que são do conhecimento geral, acerca do Holocausto no mesmo programa, em novembro do ano passado. É, no mínimo, vergonhoso e inadmissível que num Estado de direito democrático, um serviço público de televisão, suportado por todos nós, continue a dar voz e protagonismo, ainda para mais em horário nobre, a pessoas que deturpam factos históricos em direto, fazendo afirmações graves e falsas, num órgão de comunicação social nacional, prestando assim um medíocre serviço informativo, jornalístico e profissional ao serviço de uma entidade pública. A incompetência não pode nem deve ser premiada, pelo que considero que o *pivot* José Rodrigues dos Santos deverá ser retirado e afastado das funções que atualmente desempenha ainda no Canal 1, sendo imediatamente substituído por alguém efetivamente competente.»

II. Posição do Denunciado

3. A RTP3 veio apresentar oposição à participação mencionada a 19 de janeiro de 2021.
4. O denunciado começa por dizer que «a escolha dos protagonistas e dos temas dos programas da RTP é uma decisão editorial que, nos termos da lei e dos Estatutos da RTP, cabe ao Diretor de Informação, sendo sua exclusiva responsabilidade. O programa *Grande Entrevista* não constitui exceção a esse princípio. Pô-lo em causa seria pôr em causa os próprios fundamentos em que se baseia a independência editorial da RTP.»
5. Salaria também que «num programa de entrevistas em direto, o teor das declarações produzidas pelo entrevistado compromete apenas o entrevistado. Naturalmente que a RTP tem obrigação de corrigir informações factuais que estejam erradas e procurar ao longo do tempo difundir diversas perspetivas sobre um mesmo tema, mas é fundamental sublinhar que as interpretações dos entrevistados sobre matéria factual verdadeira pertencem em exclusivo, e legitimamente, a esses entrevistados.»
6. Por fim, considera que «o exercício da atividade de televisão assenta no princípio fundamental da liberdade de programação (e de informação), só podendo ceder e ser comprimido em matérias específicas, tais como as que se encontram previstas no n.º 1, do artigo 27.º» da Lei da Televisão.

III. Análise e fundamentação

7. Atente-se que a ERC é competente para apreciar a matéria em causa nas presentes participações, na medida definida nos seus Estatutos, anexos à Lei n.º 53/2005, de 8 de novembro, atendendo em particular à alínea d) do artigo 7.º, e à alínea a) do n.º 3 do artigo 24.º.
8. Os factos alegados serão observados à luz do disposto nas alíneas a) e b) do n.º 1 do artigo 9.º, e no n.º 1 e na alínea b) do n.º 2 do artigo 34.º da Lei n.º 27/2007, de 30 de julho, alterada pela Lei n.º 8/2011, de 11 de abril (Lei da Televisão).
9. Tal como consta do relatório anexo, a edição de 18 de novembro de 2020 do programa “Grande Entrevista” da RTP3 teve como convidado José Rodrigues dos Santos.

10. O entrevistado e o tema da entrevista são sumariados pelo apresentador do programa logo no início: «É repórter, apresentador de notícias, rosto do Telejornal e um dos escritores mais apreciados pelos leitores portugueses. José Rodrigues dos Santos acaba de publicar dois livros sobre os massacres de Auschwitz e Birkenau e revela-nos que as palavras podem ser tão ou mais poderosas do que as imagens na descrição do insuportável horror dos campos de concentração e extermínio nazis.»

11. Cumpre dizer, em primeiro lugar, que as declarações de José Rodrigues dos Santos na entrevista sinalizadas nas participações dirigidas à ERC não podem, sob pena de as mesmas se encontrarem truncadas, ser observadas sem o devido contexto, discurso e raciocínio explanados ao longo de toda a entrevista pelo convidado.

12. E, nessa medida, a análise permitiu verificar que o entrevistado não minimiza nem aligeira os crimes cometidos contra os judeus nos campos de concentração, patente em declarações como: a) «Porque quando nós vamos ler os documentos e os testemunhos originais em textos muito especializados, percebemos que a realidade era pior do que aquilo que eu estava habituado a ver nas descrições da televisão ou noutros romances. De tal maneira foi assim que, a certa altura, quando eu estava a fazer a pesquisa, há um momento em que eu desisti de escrever o livro (...).»; b) «(...) as pessoas que sobreviveram são, de facto, uma ínfima minoria. Portanto, nós quando lemos essas histórias dá a impressão que, pronto, quase toda a gente sobreviveu e tal, e, na verdade, quase toda a gente morreu. E falta na literatura uma obra que mostre a voz dessas pessoas. E, portanto, foi isso que eu fui recuperar.»; c) «Mas a maior parte dos judeus que foram para Auschwitz, eles não foram para um campo, não tinham uma escola, eles foram para ser mortos. E a voz desses judeus não é contada.»

13. Numa das partes da entrevista, José Rodrigues dos Santos faz uma análise, baseando-se até em fontes de informação académicas e históricas, sobre a agravação progressiva dos crimes cometidos contra os judeus nos campos de concentração, paralelamente a uma análise sobre os fatores psicológicos que motivariam os nazis a cometê-los.

14. Tratar-se-á da visão do próprio entrevistado sobre os acontecimentos em causa, legítima e reconhecida através do direito à liberdade de expressão previsto no n.º 1 do artigo 37.º da Constituição da República Portuguesa (CRP), não se encontrando indícios de que este seu direito possa ter colidido com outros protegidos constitucionalmente.

15. Por fim, importa sublinhar que tanto os temas como a escolha dos convidados a entrevistar se inserem na esfera da liberdade editorial do órgão de comunicação social, tal como disposto no n.º 2 do artigo 26.º da Lei da Televisão, só podendo ceder em casos em que esse direito comprometa outros direitos fundamentais, o que não se verifica na situação em apreço.

IV. Deliberação

Apreciadas várias participações contra a edição de 18 de novembro de 2020 do programa “Grande Entrevista” transmitido pela RTP3, a propósito da entrevista a José Rodrigues dos Santos, o Conselho Regulador, no exercício das atribuições e competências de regulação constantes, respetivamente, na alínea d) do artigo 7.º, e na alínea a) do n.º 3 do artigo 24.º dos Estatutos anexos à Lei n.º 53/2005, de 8 de novembro, delibera não dar provimento às participações, por não terem sido ultrapassados os limites à liberdade de programação, inserindo-se a entrevista na esfera da liberdade editorial.

Lisboa, 30 de junho de 2021

O Conselho Regulador,

Sebastião Póvoas
Mário Mesquita
Francisco Azevedo e Silva
Fátima Resende
João Pedro Figueiredo

Relatório de análise de conteúdo referente ao processo 500.10.01/2020/322

1. O programa “Grande Entrevista” foi transmitido na RTP3 no dia 18 de novembro de 2020, com início às 23h34, e uma duração de cerca de 23 minutos.
2. Trata-se de um programa de transmissão regular que entrevista personalidades das várias áreas da sociedade.
3. Na edição controvertida o entrevistado é José Rodrigues dos Santos, apresentado da seguinte forma: «Muito boa noite. Esta é a Grande Entrevista da RTP. É repórter, apresentador de notícias, rosto do Telejornal e um dos escritores mais apreciados pelos leitores portugueses. José Rodrigues dos Santos acaba de publicar dois livros sobre os massacres de Auschwitz e Birkenau e revela-nos que as palavras podem ser tão ou mais poderosas do que as imagens na descrição do insuportável horror dos campos de concentração e extermínio nazis.»
4. A entrevista centra-se em torno dos dois livros escritos por José Rodrigues dos Santos e, de uma forma mais geral, sobre os campos de concentração nazis.
5. Transcrevem-se de seguida alguns excertos da entrevista considerados relevantes para a análise:
 - a. **[José Rodrigues dos Santos]** «Sobretudo a fase da pesquisa, uma das coisas que eu descobri sobre o tema de Auschwitz especificamente, mas do Holocausto em geral, é que, ao contrário do que acontece muitas vezes com a ficção, que a ficção dramatiza um pouco a realidade, na verdade, as obras de ficção que existem sobre este tema suavizam a realidade. Porque quando nós vamos ler os documentos e os testemunhos originais em textos muito especializados, percebemos que a realidade era pior do que aquilo que eu estava habituado a ver nas descrições da televisão ou noutros romances. De tal maneira foi assim que, a certa altura, quando eu estava a fazer a pesquisa, há um momento em que eu desisti de escrever o livro (...).»
 - b. **[José Rodrigues dos Santos]** «Pois, porque existem, como toda a gente sabe, existe uma série de obras de ficção sobre Auschwitz, sobre o Holocausto e, normalmente... Desde A Lista de Schindler, O Tattooist de Auschwitz que teve um grande sucesso aí há uns dois anos, uma série de romances que nos contam histórias de pessoas que

sobreviveram. E a miopia está no facto de que as pessoas que sobreviveram são, de facto, uma ínfima minoria. Portanto, nós quando lemos essas histórias dá a impressão que, pronto, quase toda a gente sobreviveu e tal, e, na verdade, quase toda a gente morreu. E falta na literatura uma obra que mostre a voz dessas pessoas. E, portanto, foi isso que eu fui recuperar. (...) Mas a maior parte dos judeus que foram para Auschwitz, eles não foram para um campo, não tinham uma escola, eles foram para ser mortos. E a voz desses judeus não é contada. Aparece em textos históricos, mas não aparece nos textos de ficção. Eu acho que isso era um exercício que era importante fazer em literatura.»

- c. **[José Rodrigues dos Santos]** Bom, esse é, na verdade, um tema que eu acho que transparece muito no livro, é porque é que os nazis fizeram o que fizeram. E a observação da Hannah Arendt, no fundo, banalização do mal, dizer que o mal era cometido por gente banal, na verdade, essa frase é dita por muitos sobreviventes de Auschwitz, que eles diziam ‘o que é estranho, o que é chocante é que estes guardas SS que estão nesses campos são pessoas normais, não são psicopatas.’ E, portanto, isso remete-nos... o problema não está nas pessoas, porque podiam ser psicopatas, não é? E nós pensamos que são psicopatas. Mas não são, pessoas normais. Está na ideologia, na ideologia que eles têm e, sobretudo, na crença de que estão a trabalhar para um bem superior. (...) Porque os nazis tinham a noção de que estavam a fazer o mal. De tal maneira que eles até eliminavam as testemunhas e queriam apagar aquilo tudo. Eles sabiam que aquilo era condenável. Mas eles acreditavam que faziam isto para um bem superior, eles iam salvar a humanidade. Ora, nós encontramos este tipo de raciocínio na Inquisição, quando a Inquisição está a queimar as bruxas, a matar os judeus, a torturar pessoas... Acredita que aquilo é para as salvar, não é? Para que encontrem o caminho de Deus. Quando os jihadistas fazem o que fazem é também porque acreditam que vão trazer a lei de Deus para a terra e, portanto, estão a salvar a humanidade. E, aliás, muitos estudos sobre o jihadismo, feitos por israelitas e americanos, mostram que eles, na verdade, não são psicopatas, eles acreditam é naquilo. Eles acham que é um mal necessário para um bem superior.»

d. **[José Rodrigues dos Santos]** E, no fundo, nós vamos ver lendo o livro que há uma queda progressiva para o abismo. E também é preciso dizer que o próprio processo de decisão do extermínio dos... foi uma coisa gradual. As pessoas pensam 'não, os nazis chegam ao poder?', porque isso é que nos é dito no discurso político-mediático, 'os nazis chegam ao poder e eles querem já matar os judeus todos'. Isso não é verdade. (...) E, portanto, aquilo foi um processo gradual em que, a certa altura, há alguém que diz 'épá, estão nos guetos, estão a morrer de fome, não podemos alimentá-los, temos... pá, se é para morrer, mais vale morrer de uma forma mais humana. E porque não com gás?' E, portanto, o raciocínio é assim, portanto, em [19]41 eles já dão um passo que em [19]40 não tinham dado, não é? Portanto, é um processo gradual, também de adaptação.»

Departamento de Análise de *Media*